

As pastagens e forragens são a base da alimentação dos ruminantes...

Este conceito foi desde sempre muito naturalmente entendido até mesmo pelas sociedades colectoras que, sem prestarem grande atenção, para caçarem animais e aproveitarem a sua carne e as peles, se deslocavam às suas zonas habituais de pastagem, que lhes forneciam o alimento e onde mais tempo permaneciam.

No entanto, o início da Civilização cujos primeiros passos terão sido a “domesticação” dos cereais e a domesticação de facto das primeiras espécies de ruminantes por parte do Homem, não terá obrigado este a dedicar às Pastagens qualquer atenção especial. Nesta fase, a escassa população, os hábitos alimentares e a abundância de área, permitia que as necessidades fossem facilmente asseguradas através da simples condução dos rebanhos em busca dos recursos naturais sempre excedentes, recorrendo quando estes escasseavam ou se esgotavam, ao aumento dessas áreas através da queima de florestas.

A Pastagem que suporta hoje em dia ainda nalgumas partes de Mundo este sistema, era o substrato natural herbáceo ou arbustivo, composto por espécies adaptadas do ponto de vista edafo-climático às diversas zonas geográficas, algumas com notáveis capacidades de persistência que lhes permitiram resistir a regimes de exploração que nalgumas épocas ou zonas, assentaram no sobre aproveitamento. As rotas tradicionais de transumância em busca dos invernadoiros para a zona dos “Verdes e Montados do Campo de Ourique” ilustra como exemplo, a forma característica de produção animal com ruminantes baseada no aproveitamento dos recursos naturais e deixa-nos marcas históricas como a origem da designação de Entradas como sendo a “Villa das Entradas” o local a partir do qual, no seu regresso para Norte, os rebanhos confluíam para “entrarem” na canada transumante.

Ao longo de todo este tempo e até quase aos nossos dias, as necessidades de consumo não foram suficientes para pressionar a produção no sentido da intensificação, pelo que a produção animal estava baseada, em termos de recursos alimentares, no aproveitamento de zonas incultas, nos resíduos e subprodutos dos cereais e nas zonas de pousios de duração variável, conforme as rotações utilizadas. Ainda que nos séculos XVII e XVIII já tivessem surgido na Europa algumas reflexões acerca da necessidade da intensificação da produção de pastagens como resposta ao aumento demográfico, ocupação de maiores áreas para outras culturas e diminuição das áreas de pastagem, só

no final do sec. XIX se inicia o recurso à instalação de pastagens. Em Portugal só nos anos sessenta (1965), se começa a prestar a tenção ao estudo e desenvolvimento da área das pastagens.

Entretanto, durante largos anos, particularmente no Alentejo, a preocupação de atenuar a situação deficitária do país na produção de cereais, concentrou os esforços no aumento da produção de trigo, panorama perfeitamente ilustrado pela denominada «Campanha do Trigo» no final dos anos vinte, remetendo a actividade pecuária para um lugar secundário.

As formas de exploração já apontadas ao logo dos tempos e a intensificação na produção de culturas anuais destinadas ou não à produção de grãos, sem o uso de rotações agronomicamente coerentes, mas sempre com o recurso à mobilização intensa do solo na sua instalação, levou à degradação das suas características físicas, químicas e biológicas, com perda de produtividade nessas culturas e nítido prejuízo na flora autóctone constituinte das pastagens. Como resultado, temos hoje as áreas de pastagem remetidas para as zonas de menor aptidão, que foram abandonadas ou desflorestadas, zonas de fraca produtividade e baixa qualidade, com uma composição florística prejudicada pelas técnicas culturais utilizadas nos cereais (mobilizações profundas e aplicação de herbicidas...) e pelas más técnicas de aproveitamento (sobre utilização, mau manejo...), compostas normalmente por uma população baixa de espécies anuais autóctones de escasso valor pratense, eventualmente algumas leguminosas anuais (*Trifolium cherleri*, *Trifolium hirtum*, *Trifolium glomerata*, *Ornithopus compressus*) e algumas gramíneas também anuais (*Lolium*, *Hordeum*, *Poa*) bem adaptadas, mas não melhoradas de forma a poder assegurar, com correctas opções de manejo, produções aceitáveis.

O Montado, sistema agro-silvo-pastoril com enorme expressão na nossa região, que foi durante muito tempo explorado de uma forma sustentada nas suas três principais vertentes o *Ager* (produção de grãos), o *Saltus* (pastoreio) e a *Silva* (exploração de madeiras, lenha e caça), não escapou a ter sido sujeito às políticas de utilização e às práticas desajustadas já enumeradas, pelo que se encontra hoje na sua maior extensão, com o seu potencial e flora constituinte afectados, como resultado da degradação da fertilidade dos seus solos.

O aumento da população Mundial, o aumento do consumo de carne e de outros produtos de origem animal (resultante da melhoria das condições de vida das populações), a

diminuição das áreas destinadas à agricultura, as alterações na estrutura fundiária e a aplicação de políticas agrícolas no âmbito da Política Agrícola Comum, remete-nos para a necessidade de encarar a produção animal com ruminantes de uma forma completamente diferente daquela que foi a exploração até à exaustão dos recursos naturais à nossa disposição.

A inversão deste ciclo de degradação de solos e recursos herbáceos para pastagem, pode ser conseguida através da constituição de **pastagens permanentes biodiversas ricas em leguminosas** que contribuirão assim para a melhoria das características físicas, químicas e biológicas dos solos e permitirão a intensificação da produção animal a partir dos ruminantes. A introdução destas pastagens passa por vários aspectos. Por um lado a introdução (sementeira) das espécies mais adequadas às características de cada zona (solos e precipitação) e, por outro, à fertilização racional (onde, pelo menos o fósforo é elemento essencial) e à correcção da acidez quando necessária (cerca de 80% dos solos nacionais são ácidos e, em algumas situações toxicidades de alumínio ou manganês, podem inviabilizar a instalação da pastagem).

O Alentejo possui uma estrutura fundiária adequada à possibilidade de manutenção dos animais em pastoreio ao longo de todo ano e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento das leguminosas pratenses e forrageiras e à fixação por elas do N simbiótico. As Leguminosas através da fixação biológica de N permitem melhorar a produção/qualidade a baixo custo (mais proteína e superior ingestão), reduzir custos (Leguminosas vs. Gramíneas) e recuperar a fertilidade do solo. As gramíneas aumentam a produção de pastagem e tornam-na mais regular ao longo do ano (Inverno), são importantes do ponto de vista nutritivo (*ratio* energia/proteína) e ao removerem o excesso de N, evitam a invasão por espécies nitrófilas (cardos, etc.).

Entretanto, observando as curvas médias de produção de pastagens nas condições mediterrâneas (sequeiro e regadio), vemos que elas apresentam uma forma bastante irregular, com níveis de produção elevados em épocas bem marcadas do ano, alternando com períodos nos quais a produção é escassa ou mesmo nula, particularmente no período de Inverno, já que, no período do Verão, existe a possibilidade do recurso a outras fontes alimentares. Esta irregularidade na produção, devida essencialmente a condicionalismos de natureza climática, torna os nossos sistemas de produção animal a

partir de ruminantes, dependentes da produção de **Forragens** para os períodos de escassez.

Assim, as Forragens cuja tradição enquanto alternativa cultural, é muito mais antiga que as pastagens semeadas, desempenham um papel importantíssimo no planeamento alimentar dos sistemas de produção animal à base de ruminantes.

Nas nossas condições de exploração em extensivo, as **Raças Autóctones**, cujos animais de elevada rusticidade possuem uma predisposição particular para o aproveitamento de alimentos grosseiros de escasso valor alimentar e uma notável capacidade de variação da condição corporal ao longo do ano em baixos regimes alimentares, desequilibrados total ou parcialmente, são outra “arma” interessante...

Apresentando uma menor “talha metabólica” e portanto com menores necessidades (dimensão dos efectivos, PAC, prémio à vaca aleitante...), quando asseguradas as suas necessidades de base, apresentam grande regularidade na sua actividade reprodutiva ao longo do ano, ainda que sujeitas a mudanças ambientais, exibindo nestas condições excelentes performances reprodutivas (taxa de fertilidade elevada, intervalo entre partos curto). São raças que apresentam uma grande facilidade de parto mesmo quando beneficiadas com touros de raças de maior porte, uma extraordinária capacidade maternal traduzida no “peso desmamado” e uma grande longevidade produtiva. Melhoradas de forma a ter animais que produzam mais e melhor sem que as suas características de rusticidade sejam diminuídas e utilizadas para cruzamento terminal, são um “instrumento zootécnico” de interesse para aumentar de forma sustentada, o potencial produtivo dos nossos sistemas de produção animal com ruminantes, à base de pastagens e forragens.

Assim, as Pastagens e as Forragens quando inseridas em sistemas sustentados do uso dos solos, são importantes não só como produtoras de alimento para ruminantes mas também como elementos fundamentais para a ocupação e ordenamento do território, no aproveitamento e valorização de áreas sem aptidão para outro tipo de actividades e que de outra forma permaneceriam abandonadas, possuem um papel importante no estabelecimento de rotações de culturas com coerência do ponto de vista agronómico, defendem os solos da erosão ao manterem um coberto vegetal permanente, a sua forma de aproveitamento através do pastoreio directo permite a reciclagem de nutrientes,

fazem o sequestro de carbono reduzindo a emissão de gases com efeito de estufa para a atmosfera e contribuindo para a qualidade do ar, na contribuição para a manutenção de harmonia na paisagem, e ao estarem na base da produção de alimentos, permitem actividades que contribuem para a fixação da população e o combate à desertificação, dinamizando ainda actividades e o comércio local com a “oferta” dos seus produtos.

Ricardo Freixial, Março 2010